



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol XXV, número 2, jul-dez, 2020, pág. 188-211.

EXPERIENCIANDO O BULLYING: POSSIBILIDADES DE AUTO RECONHECIMENTO DO SER-SI-MESMO DE ALUNOS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO

Luana Dias Pena Forte
Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

O bullying é hoje, sem dúvida, um dos temas mais discutidos em todo o mundo, o que desperta crescente interesse nas diversas ciências e esferas sociais. Em meio às discussões, o que é natural, surge uma infinidade de opiniões, ideias, sugestões, estudos, publicações etc., que tentam explicar o fenômeno e os motivos que leva um indivíduo ou grupo a agir de forma deliberada e, muitas vezes, tão cruel. Foram realizadas 4 Oficinas de Dinâmicas de Grupo relacionadas ao Bullying com 20 escolares de turmas do Ensino Fundamental em instituição escolar em Manaus. A descrição das oficinas considerou os parâmetros do método fenomenológico de pesquisa e a análise foi a partir do referencial teórico de Martin Heidegger. Vários sentimentos e experiências foram trazidos pelos alunos caracterizando a dor e o sofrimento experienciados em situações de Bullying, na escola e fora dela. Conclui-se que as escolas precisam adquirir mais conhecimento sobre o assunto pois, o modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo.

Palavras-chave: Bullying; Escolares; Dinâmicas de Grupo; Fenomenologia

Abstract

Today, bullying is undoubtedly one of the most discussed topics in the world, which arouses growing interest in the various sciences and social spheres. In the midst of discussions, which is natural, there is an infinity of opinions, ideas, suggestions, studies, publications, etc., which try to explain the phenomenon and the reasons that lead an individual or group to act deliberately and, often, so cruel. There were 4 Group Dynamics Workshops related to Bullying with 20 elementary school students in a school institution in Manaus. The description of the workshops considered the parameters of the phenomenological research method and the analysis was based on Martin Heidegger's theoretical framework. Various feelings and experiences were brought by the students characterizing the pain and suffering experienced in situations of bullying, at



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

school and outside it. It is concluded that schools need to acquire more knowledge on the subject because the model of the outside world is reproduced in schools, making these institutions stop being safe environments, modulated by discipline, friendship and cooperation, and become spaces where there is violence, suffering and fear.

Keywords: Bullying; school; group dynamics; phenomenology

Introdução

A violência se tornou um problema de saúde pública que cresce no mundo, gerando sérias consequências individuais e sociais, principalmente para os jovens, que aparecem em estatísticas sendo os que mais morrem e os que mais matam (SILVA *et al*, 2018).

Há diversas formas de violência, mas será tratado aqui, uma forma de violência presente no cotidiano da vida de muitas crianças e adolescentes, dentro de um ambiente que deveria lhe proporcionar segurança e bem-estar.

Segundo Langford, Bonell, Jones *et al*. (2014) o bullying é hoje, sem dúvida, um dos temas mais discutidos em todo o mundo, o que desperta crescente interesse nas diversas ciências e esferas sociais. Em meio às discussões, o que é natural, surge uma infinidade de opiniões, ideias, sugestões, estudos, publicações etc., que tentam explicar o fenômeno e os motivos que leva um indivíduo ou grupo a agir de forma deliberada e, muitas vezes, tão cruel.

Os estudos sobre o bullying teve início na década de 70 com uma investigação sistemática de Dan Olweus na Noruega e Suécia (LEE, DALE, GUY & WOLKE, 2018). Existem diversas definições para a palavra bullying, porém o termo está relacionado, por assim dizer, com à exposição repetida a ações propositais que ferem ou prejudicam o indivíduo, caracterizando-se, principalmente, pela disparidade de poder entre os pares, sendo que uma pessoa é dominada por outra (CAO & WAN-YIN, 2015).

Por aceção, bullying engloba todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante contra outro(s), podendo causar dor e angústia, sendo executas dentro de uma relação desigual de poder. Relaciona-se a comportamentos agressivos



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que ocorrem nas escolas e que, muitas vezes, são admitidos como naturais, sendo geralmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais (RAO, WANG, PANG *et al*, 2019).

É notório que as situações de bullying ocorrem em diversos contextos, independentemente do nível socioeconômico, gênero ou faixa etária, sendo observadas em escolas públicas e privadas (JAIN, COHEN & TAYLOR, 2018). O *Bullying* se estabelece como uma violência onde há uma relação desigual de poder, isto é, o agressor tem poder sobre a vítima, geralmente pelo fato de que, muitas vezes, ele se apresenta ser maior fisicamente do que o alvo, intimidando ainda mais, fazendo com que o alvo se considere uma pessoa fraca, sem condições de acabar com essa situação (GRILLO & SANTOS, 2016).

Estudos internacionais têm demonstrado expõe que o bullying pode se dar de forma direta ou indireta. E que ambas exercem efeitos danosos ao psiquismo da vítima. Pode ser classificado, também, de acordo com a função assumida pelos participantes que podem ser vítimas, agressores, vítimas/agressores ou testemunhas (LEE, DALE, GUY & WOLKE, 2018; AHERN, KEMPPAINEM & TRACKER, 2016; CAO & WAN-YIN, 2015;).

Violência esta que se agrava, levando em consideração suas consequências, sejam estas no presente ou no futuro. Pois, além da diminuição da autoestima e dos prejuízos no desempenho escolar e nas relações sociais, o bullying pode trazer outras consequências mais graves, como o comportamentos infracionais, uso de álcool e outras drogas, desenvolvimento de psicopatologias, como a depressão, a Fobia Social e, até mesmo, a tentativa de suicídio para aqueles indivíduos que são vitimizados (SILVA *et al*, 2018).

Conhecendo a temática

Bullying

O bullying pode ser considerado com um subtipo de comportamento agressivo, onde se praticam agressões físicas, verbais e/ou psicológicas, de



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

forma repedida e sem justificativa, onde a vítima está em uma relação desigual de poder, o que impossibilita a sua defesa (MONTEIRO *et al.*, 2017).

Essas formas de agressões podem ocorrer de forma direta ou indireta. O primeiro está relacionado as agressões físicas e verbais (bater, chutar, tomar pertences, apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger). A segunda acontece através da disseminação de rumores, desagradáveis, e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social (CAO & WAN-YIN, 2015).

Há também uma prática de bullying chamado de cyberbullying que cresceu muito nos últimos anos, principalmente com ao avanço das tecnologias e o acesso cada vez maior de crianças e adolescentes a mesma. Neste tipo de bullying o agressor se utiliza, principalmente dos aplicativos relacionados a redes sociais (Facebook, WhatsApp, Instagram entre outros) para a adoção de comportamentos deliberados, repetidos e hostis, de um indivíduo ou grupo, que pretende causar danos a outros (LEE, DALE, GUY & WOLKE, 2018).

Existe a classificação de acordo com a função assumida pelos participantes, podendo ser vítimas, agressores, vítimas/agressores ou testemunhas. As vítimas são os indivíduos expostos a ações praticadas por outros, geralmente, são pessoas inseguras, pouco sociáveis e não consegue reagir ou interromper a violência. Os agressores, geralmente, são pessoas populares e dominadoras em relação aos seus alvos. Outros indivíduos podem representar tanto o papel de vítima quanto de agressor, sendo esta função justificada pela combinação de atitudes agressivas e baixa autoestima. As testemunhas, segundo os autores, apenas assistem passivamente a violência sendo cometida, calando-se por medo e, desta forma, acobertando os agressores contribuindo para a continuidade dessas práticas violentas (AHERN, KEMPPAINEM & TRACKER, 2016).

O bullying, sem dúvidas, tornou-se um tema bastante estudado nos últimos tempo, sendo explorada sob diferentes aspectos.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Monteiro *et al* (2017) verificaram que aqueles que praticam o bullying buscam reconhecimento e poder com o intuito de serem respeitados pelos pares, almejando uma posição de destaque e liderança, ou seja, o bullying se tornou uma forma de alcançar status e uma posição social dominante. Porém, percebeu-se que crianças que possuem em seu convívio diário afetividade e apoio social, estão menos propensas em se envolverem em comportamentos de bullying. Pois, tais valores estão relacionados as necessidades de pertença, amor e afiliação, o que gera a manutenção e harmonia das relações, provocando condutas de respeito mútuo.

Silva *et al* (2018) buscou verificar em seus estudos como as habilidades sociais poderiam intervir na redução da vitimização e/ou agressão por bullying. Segundo a autora, pouco tem sido explorado neste tipo de intervenção. Comenta, também, que esta intervenção precisa ser desenvolvida levando em consideração as diversas situações, contextos, e sujeitos, que estão implicados no bullying, isso inclui escola e família.

As práticas do bullying não são exclusivas de crianças e adolescentes, do ensino fundamental e médio. Ela pode ocorrer, até mesmo, no ensino superior, mas possui outro nome, o trote. No estudo realizado na Universidade de Coimbra, por Estanque (2017), constatou que o trote constantemente segue em direção do abuso, humilhação e violência.

Os comportamentos referentes ao bullying estão relacionados a alguns fatores como: faltar aula intencionalmente, reprovar algum ano na escola, usar álcool, cigarro e/ou drogas ilícitas, ter tido relações sexuais, portar arma, sofrer algum acidente ou atropelamento e brigar e/ou agredir alguém; segundo os estudos de Silva *et al* (2012), realizado com 1.145 adolescentes. Es fatores são demonstrativos claros de que o bullying pode ser considerado um risco para a saúde física e psicológica dos adolescentes.

As agressões que acontecem, não ocorrem de forma esporádica, pelo contrário, elas acontecem repetidas vezes a um indivíduo, podendo ser considerada como episódios de bullying. Outro ponto é perceber que o número



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

maior de agressores é do sexo masculino, principalmente, em escola pública. Geralmente o bullying acontece em espaços como a sala de aula e na hora do recreio, na frente de muitas pessoas que observam as agressões passivamente, como relatam Aguiar & Barrera (2017).

Os professores possuem certo conhecimento a respeito do bullying, mas possuem dificuldades em definir o que seria o bullying. Por isso, para mudar essa situação, é preciso repensar as matrizes curriculares dos cursos de formação dos futuros professores, articulando conhecimentos científicos e questões práticas que surgem no cotidiano escolar, pois, desta forma, poderão planejar e intervir no contexto da escola (TREVISOL & CAMPOS, 2016; SILVA & ROSA 2013).

A homofobia é algo que está presente no bullying. A presença de conteúdo homofóbico no bullying do tipo verbal é uma das formas mais recorrente entre os alunos, principalmente do sexo masculino, entre as meninas a incidência é menor (SOUZA, SILVA & FARO, 2015).

Miziara e Vectore (2014) relatam que um outro aspecto que pode desencadear o bullying entre os alunos é a questão da obesidade. Muitas crianças e adolescentes obesas já enfrentam diariamente diversos problemas, seja por conta da saúde física, ou problemas emocionais, visto que eles possuem sentimentos contraditórios em relação ao peso, ora sentem tristeza, e ora sentem raiva. O bullying que sofrem no seu dia a dia no ambiente escolar acaba se tornando mais um desses fatores negativos a ser encarado todos os dias.

Diante disso, o objetivo deste estudo foi compreender a pluridimensionalidade de fatores que envolvem o Bullying, a partir de Dinâmicas de Grupo, com alunos de uma escola de ensino fundamental em Manaus, sob a ótica da teoria de Martin Heidegger.

Levando em consideração tudo que foi mencionado, percebi a importância dessa pesquisa, uma vez que a violência nas escolas se tornou um



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

problema social grave e complexo e, provavelmente, o tipo mais frequente e visível da violência juvenil.

Material e Método

Delineamento do estudo

Considerando que este estudo pretendeu compreender a percepção de alunos de uma escola da rede pública de ensino acerca do Bullying a luz dos parâmetros da Psicologia Fenomenológico-Existencial, tornou-se necessário aplicar a investigação qualitativa. O objetivo foi proceder à descrição fenomenológica de cada oficina desenvolvida com alunos de várias turmas, sendo que foram quatro oficinas e no vivenciar das tarefas – a subjetividade e a intersubjetividade experienciadas.

A pesquisa qualitativa – propositura deste estudo - se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser mensurados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (PEREIRA & CASTRO, 2019). Para esta última autora, esse tipo de pesquisa é focado no trabalho com os significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes (MINAYO, 2014).

Utilizou-se como metodologia a Oficina em dinâmica de grupo, pois, segundo Afonso e Coutinho (2013), os grupos se organizam de diversas maneiras com o intuito de alcançar diferentes objetivos, sendo a sua organização o primeiro passo em direção aos seus objetivos.

Foi utilizado, especificamente, uma das estruturas de metodologia de trabalhos com grupos, descritas pelos autores supra-citados, a estrutura: grupos que tem por objetivo conhecer crenças, ideias e sentimentos de seus participantes visando à reflexão, adaptação e/mudança, e estimulando novas aprendizagens, para o enfrentamento da problemática. Esse grupo tem a necessidade de esclarecer e trabalhar aspectos sobre uma determinada questão, principalmente quando a problemática recebe influências de fatores sociais, culturais e psíquicos, demandando mudança de mentalidade e a reorganização



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

do cotidiano dos participantes. Não tem como fim conhecer somente as crenças, mas pretende buscar a sua transformação para a mudança da realidade dos participantes. Por isso, precisa-se desenvolver os aspectos educativos e reflexivos do grupo, buscando melhorar a comunicação e a aprendizagem dentro dele (AFONSO & COUTINHO, 2013).

Realizou-se 4 oficinas, que foram executados no auditório da escola com duração de 1 hora, no horário matutino das 9h às 10h. As oficinas tinham a proposta de terem um planejamento flexível (AFONSO & COUTINHO, 2013), tendo a possibilidade de mudanças. Cada encontro teve um pré-roteiro, sendo este composto por três momentos básicos - O primeiro foi de mobilização do grupo, seguido por técnicas ou estratégias de reflexão e comunicação acerca do bullying, finalizando com a sistematização e avaliação da vivência ocorrida. Cada um desses encontros teve um objetivo a ser trabalhado no dia (tabela 1).

Tabela 1: Objetivos propostos em cada dia das oficinas.

Dias	Objetivos das oficinas
1º	Acolhimento e conhecimento inicial do grupo, abordagem inicial do tema central (Bullying).
2º	Promover a sensibilização dos participantes acerca do tema, verificar como eles se sentem.
3º	Identificar e, se possível, compartilhar as experiências pessoais sobre o bullying.
4º	Estimular os alunos a encararem o bullying a partir de um novo ponto de vista, trabalhando a autoestima e influência do grupo.

Durante as oficinas os participantes puderam relatar suas experiências com o *bullying*, e houve a possibilidade de realizar um trabalho de sensibilização com eles, sobre os efeitos negativos que a prática dessa violência e a omissão do observador podem ocasionar para sujeito o agredido.

Participantes

Participaram das oficinas 20 alunos do 9º ano do fundamental de uma escola Estadual, independentes da sua idade e seu sexo, sendo 5 alunos de cada uma das quatro turmas existentes desse ano escolar na instituição. Eles foram



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

escolhidos pela coordenadora pedagógica da escola, que usou como critério de escolha, alunos que já relataram ter sofrido bullying em algum momento, e aqueles que eram considerados “bagunceiros”.

Local de Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino da rede Estadual, que possui turmas do 6º ao 9º ano, localizado na zona sul da cidade de Manaus. Os encontros ocorreram no auditório da escola.

O projeto foi realizado a partir da proposta de Estágio Básico em Psicologia, disciplina da estrutura curricular do Curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia e todos os envolvidos, gestores, docentes, pais e alunos foram orientados e concordaram em participar das atividades.

RELATO DAS OFICINAS

Relato do primeiro dia

A sessão começou pontualmente às 9h e terminou às 10h. As cadeiras foram organizadas em círculo no palco do auditório, houve a participação de 18 alunos neste dia.

Iniciei informando ao grupo sobre o que se tratava a oficina, já que eles ainda não sabiam o motivo de estarem ali. Em seguida, deu-se início a primeira dinâmica, a “dinâmica da teia”. Foi pedido aos participantes que ficassem em pé para observar como os facilitadores realizavam a dinâmica, para que eles se sentissem estimulados a participar da dinâmica. Esta atividade durou cerca de 20 minutos. Todos foram participativos, *apesar de demonstrarem certo desconforto em falar sobre si, e em voz alta*, pois, esta dinâmica consiste em falar sobre si.

A segunda dinâmica foi a do papel, com a seguinte frase “O bullying acontece quando...”. Os alunos completaram a frase e depois de recolhido as respostas, misturou-se os papéis e foi pedido a cada um que pegasse um daqueles papéis de forma aleatória e lesse em voz alta a resposta do colega. Grande parte das respostas estavam relacionadas à agressão física e verbal



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

(xingamentos e apelidos). Nesse momento da leitura, alguns alunos espontaneamente aproveitaram o momento para *exporem sua opinião sobre o assunto*. Inclusive alguns poucos, chegaram a relatar sua própria experiência quando sofreram bullying. Chegamos então à conclusão, juntamente com os alunos, de que as palavras mais utilizadas por eles na hora de definir o “Bullying” foram: *agressão, desrespeito, exclusão, racismo e diferenças*.

Para este primeiro encontro, devido o tempo predeterminado pela escola, pensou-se a princípio, que duas dinâmicas seriam suficientes. No entanto, depois destas duas atividades, ainda sobraram cerca de 20 minutos. Então, foi aplicado a técnica de encenação com a turma, uma dramatização de determinada problemática.

Foi explicado aos alunos para relatarem, através da dramatização, os bullings do cotidiano deles. Os participantes foram divididos em três grupos e depois se reuniram para decidirem e ensaiarem a cena. Com o passar de 7 minutos mais ou menos, os alunos retornaram aos seus lugares e cada grupo foi ao centro da roda apresentar a breve cena aos colegas.

O primeiro grupo nomeou sua encenação de “o ciclo do Bullying”, onde o bullying funciona como um “*fluxo sem fim*”, *um xinga o outro, o outro xinga outro e assim sucessivamente*. O segundo grupo chamou sua apresentação de “dois casos que aconteceram na sala de aula”. O primeiro caso é de um colega, que visivelmente todos conheciam a história. Ele sofreu bullying por vários motivos e, por isso, passou a *mutilar os pulsos*, o que gerava outro motivo para perseguição, onde colegas diziam *para ele se tornar “homem de verdade”, e parar de se mutilar*. O segundo caso foi o da menina “quatro olhos”, “nerd”, “cabelo ruim” que era coagida a fazer as atividades de alguns colegas.

O terceiro grupo a se apresentar encenou sobre “se colocar no lugar do outro”, eles mostraram que na maioria das vezes os *xingamentos são gratuitos*, e que por causa do estereótipo, as pessoas são chamadas de “catita”, “puta”, “travesti”, “quatro olhos” etc. Ao término das dramatizações, foi aberto um espaço para que os participantes pudessem discutir a respeito do que tinham



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

visto. Percebi na fala deles a reflexão de que *as pessoas deveriam se pôr mais no lugar do outro, e pensar no sofrimento do outro; que quando uma pessoa que pratica bullying está em grupo, a agressão toma proporções muito maiores; que a pessoa que sofre bullying precisa saber se impor, e que chega uma momento que ela não vai mais aguentar e pode ter um “ataque de raiva”*.

Relato do segundo dia

No segundo dia, as cadeiras foram organizadas no auditório em círculo para a realização da oficina, participaram 20 alunos.

A primeira dinâmica realizado foi a dinâmica do “Balão no Pé”. Cada aluno recebeu um balão, onde ele encheu o mesmo e depois escreveu o seu nome com pincel, em seguida, amarrou no seu pé com o barbante. Houve uma pequena dificuldade no início, pois, os balões de alguns alunos estouravam antes deles amarrarem no pé.

Foi dito a eles que esse balão representava cada um, que a missão era manter o balão intacto, no final teria apenas um vencedor. Quando o sinal foi dado para começarem, muitos se preocuparam em estourar o balão dos outros, e outros, se preocuparam em proteger o seu. No final restou apenas um aluno com o balão no pé.

Quando questionados se eles preferiram guardar o seu balão, ou estourar o do colega, a maioria relatou que optaram em *estourar o do outro*, e disseram que é assim, quando se trata do bullying, *que se prefere machucar e humilhar outra pessoa sem se preocupar com os seus sentimentos*.

Depois, houve a dinâmica do “Feitiço virou contra o feiticeiro”, cujo nome não fora dito no início. Foi pedido aos alunos que escrevessem em ¼ de folha de papel ofício, que foi entregue a eles, um “mico” ou qualquer coisa que eles quisessem que o colega do lado esquerdo fizesse. Depois que eles terminaram de escrever, foi dito o nome da dinâmica e, imediatamente, eles entenderam o que iria acontecer. Quando mencionado que não seria o colega



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

do lado que iria realizar tal “mico”, mas eles, todos ficaram se olhando, e diziam que não esperavam por isso.

Não foi pedido aos alunos que realizassem o que estava escrito no papel, pois esse não era o intuito da dinâmica. Porém, foi questionado que se eles soubessem desde o início que era para eles mesmo pagarem o “mico”, se eles teriam escrito algo diferente. Todos falaram que sim, e perguntei o que tudo isso tinha a ver com o bullying. Os alunos disseram que, muitas vezes, se fazem coisas ruins para os outros, mas que os mesmos não querem que aconteça com ele, ou seja, que *uma pessoa faz bullying, mas não quer que o outro faça com ele*.

A terceira e última dinâmica realizada foi a do “Facebook”. Formaram-se 4 grupos com pelo menos 5 alunos cada, e distribui-se para cada grupo uma folha de papel ofício. Em cada uma dessas folhas tinha uma foto, e um espaço para eles fazerem seus comentários, a aparência de cada uma dessas quatro folhas, era como uma postagem no Facebook.

Foi pedido, que cada um escrevesse seu comentário sobre a foto que estava presente no papel do seu grupo, e que eles fossem sinceros, escrevendo exatamente o que eles realmente diriam se fosse uma postagem real, e que ninguém ali estava para julgá-los.

Houve comentários negativos como “*Será que é Friboi? Não é Seara*”, referente a uma adolescente que era obesa, e positivo como “*Todas as pessoas mudam e o que importa é a beleza que vem de dentro*”, referente a foto de uma jovem que sofria de uma doença, e não tinha uma aparência física considerada “normal”.

Durante o nosso debate os alunos comentaram que tinham mais comentários ruins no Facebbok referente a fotos iguais aquelas, do que comentários bons. Que muitas pessoas faziam esses comentários sem se importar com o outro, sem se importar qual é a real situação da outra pessoa, que faziam *a tal coisa por “brincadeira”, mas que no final acabam machucando as pessoas com tais comentários*.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Relato do terceiro dia

Como de costume, o encontro começou pontualmente às 9h, no entanto terminou vinte minutos mais tarde do que o previsto, às 10h20min.

A primeira dinâmica consistia completar a frase “Na minha sala tem...” em um pedaço de papel. Pedi que, preferencialmente, respondessem algo que de alguma maneira se relacionasse com o tema da Oficina. Foi dado o tempo de cinco minutos para que escrevessem alguma coisa. Depois os papéis foram recolhidos e lidos em voz alta as respostas. As respostas foram: xingamentos, xingar a mãe do outro, brigas, brigas por maquiagem, preconceito (raça, orientação sexual e aparência física), furtos (caneta, lápis e celular) e hipocrisia (pessoas religiosas). Como as respostas foram unanimemente negativas, foi pedido então que dissessem se na escola existiam coisas positivas e quais seriam. Os participantes responderam que as coisas positivas eram poucas, mas conseguiram listar quatro itens: sala de descanso, comida, amigos e brincadeiras. Esta atividade durou 35 minutos.

A segunda etapa desta terceira sessão foi realizada através da exibição de dois vídeos. O “Bullying – Diário de 7 dias”, com 12 minutos de duração e “Izabela Araújo – Minha história – Diga Não ao Bullying”, com duração de 7 minutos. Quando terminados os vídeos, foi pedido aos alunos que se sentissem à vontade, comentando o que sentiram assistindo aquelas cenas. Os comentários foram “é perturbador”, “ninguém gosta de bullying”, “a pessoa que sofre bullying pode se tornar uma pessoa rancorosa, agressiva ou antissocial”, “o desespero leva as pessoas a fazerem coisas horríveis” e “com o tempo, as pessoas que sofrem bullying acabam acreditando no que falam dela”.

Depois deste momento, foi dito aos alunos que, quem quisesse, que contasse se já tinham sofrido algum bullying, quatro adolescentes ali presentes quiseram relatar um pouco de sua experiência e como se sentiam diante deste fenômeno. A primeira relatou que sofria bullying por ser “gordinha”, e que depois de um tempo passou a praticar bullying com outros colegas. A segunda aluna comentou que, numa outra escola, sofria bullying por parte da professora



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

na frente de todos os colegas, e que sofreu retaliação por parte da mesma professora, pelo fato de ter contado a direção, a mesma aluna disse “eu me odeio! Eu me odeio por ser assim”. O terceiro aluno disse que sofreu e sofre por ser magro, mais alto e o mesmo comentou que tem uma cabeça grande. O quarto aluno já foi xingado por outros de “chifrudo”, e isto o incomoda muito. Alguns se emocionaram durante os relatos das experiências e, infelizmente, devido ao tempo que já se esgotava, o encontro teve que ser finalizado. Duas alunas que relataram sua experiência, ainda ficaram no auditório conosco cerca de 10 minutos, para se acalmarem e voltarem à sala de aula.

Relato do quarto dia

O último encontro começou as 9h, e teve duração de 1h30min, já que nesse dia também teve um lanche de confraternização. Como de costume, a reunião aconteceu no auditório e houve a participação de 20 alunos que ficaram organizados em um círculo.

Iniciei com a atividade do “painel vivo”. Onde foi distribuído para uma dupla uma folha com um desenho, cada dupla recebeu uma imagem diferente.

Foi descrito para eles que o bullying possui várias formas: verbal, físico, material, psicológico/moral, sexual e virtual/ciberbullying. Olhando para as imagens eles deveriam tentar descobrir que tipo de bullying era. Era dito o tipo de bullying, e as duplas olhavam para a imagem, e se achassem que se tratava do bullying mencionado, um integrante se levantava e ia até o palco do auditório para expor a imagem. Todos os alunos realizaram a atividade, e não tiveram dificuldades na identificação.

Em seguida, foi exibido um breve vídeo de Nick Vujicic, famoso palestrante motivacional que é deficiente físico por não ter braços e pernas. O vídeo tinha apenas 4 minutos e foi exibido no intuito de gerar reflexão sobre os temas “limitações” e “autoestima”. Após o vídeo, os adolescentes puderam participar falando como se sentiram ao assistir o vídeo. O grupo, no geral



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

concluiu que *muitas vezes ficamos apenas nas limitações, e esquecemo-nos de olhar nossas qualidades, e aprimorá-las.*

Depois disso, foi realizado a “dinâmica do barco”, que constituiu na divisão dos participantes em grupos, onde cada grupo deveria conter 5 pessoas. A proposta da dinâmica era que os participantes conseguissem agir como unidade, apesar das limitações de cada um. Esta dinâmica aconteceu em dois momentos. No primeiro momento, elas tiveram que desenhar um barco em dois minutos, com a ajuda de cada integrante do grupo. Já no segundo momento, foi acrescentado um grau á mais de dificuldade para a atividade. Eles teriam que desenhar um barco novamente, sendo que, cada integrante do grupo teria uma limitação física. Por exemplo: o integrante 1 seria cego, o integrante 2 seria cego e só poderia usar a mão esquerda, o integrante 3 não poderia usar as mãos, e assim por diante.

Surpreendentemente, apesar das visíveis limitações, os alunos captaram o “espírito” da atividade e conseguiram trabalhar em *cooperação, paciência e leveza durante este momento de dificuldade.* Para concluir esta dinâmica, foi dado o espaço aos alunos, para que pudessem relacionar esta atividade com o Bullying.

Chegando ao momento final da oficina, foi pedido aos alunos que escrevessem em um pedaço de papel, cinco qualidades que eles enxergavam em si próprios. Foi dado cerca de 5 minutos para que pensassem e escrevessem. Depois, pediu-se para que amassassem o papel. A reação de alguns foi de lamento, e de outros foi a de pisar no papel para deixá-lo bem “amassadinho”. Logo em seguida, foi dito para que abrissem o papel amassado e que lessem em silêncio, as palavras que ali estavam escritas. Foi questionado se as qualidades continuavam ali e como eles haviam se sentido ao amassar o papel. Todos responderam que as qualidades continuavam ali, alguns relataram que se sentiram triste ao amassar o papel, outros que não sentiram nada. Novamente, foi introduzido uma reflexão desta dinâmica com o tema bullying. Tentou-se levar o aluno entender que, da mesma forma, *apesar do que os*



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

outros dizem e do jeito como o tratam, seu valor, seu caráter permanecia intacto e imutável, pois não são os outros que vão determinar quem ele era ou quem ele deveria ser. Não importava o que as outras pessoas falavam dele, não importava se alguém tentava os humilhar ou ridicularizar, o importante é que continuasse sendo a pessoa que sempre foi, e se mudar mudasse para melhor.

E no mundo-vivido, a expressividade do *Dasein*

Na análise compreensiva a proposta é fazer a articulação com a abordagem adotada tendo como suporte o enfoque fenomenológico à compreensão da experiência com alunos acerca do Bullying à luz da Psicologia Fenomenológico-Existencial a partir da teoria base de Martin Heidegger.

Heidegger (2013) construiu sua teoria tendo como base vários filósofos. Um deles foi Edmund Husserl que apresentou uma nova visão para os fenômenos humanos. Sendo assim, fiz a opção pela teoria heideggeriana para buscar a compreensão das vivências das dinâmicas.

A compreensão desses discursos pode ocorrer a partir da percepção e das vivências dos próprios sujeitos que podem lhes imprimir sentido, significados, refletindo um modo muito particular de existir.

Para este autor, *ser-no-mundo* revela a estrutura base do *Dasein*, característica essencial da existência. Mas, de que existir estamos nos reportando? A capacidade do ser humano (denominado pelo filósofo como *pre-sença*) de se perceber como um ser de possibilidades, de conseguir ir além da facticidade (situação-surpresa que ocorre no cotidiano), o que se pode nominar como abertura. Essa abertura consiste no existir, ec-sistir na acepção do termo. Ora, diante disso pode-se afirmar, a partir da leitura do autor que a *pre-sença* é *ser-no-mundo*. O ser e o mundo são, pois, partes constitutivas da pessoa. O modo como o *Dasein* habita sua existência perpassa seu cotidiano, sua historicidade e espacialidade (HEIDEGGER, 2013).

Os adolescentes não podem ser dissociados desse mundo em que foram lançados enquanto existentes, o mundo da experiência do Bullying na escola,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

do ser-discente, lidando com a difícil experiência em que foram lançados é uma maneira única de significar as suas próprias vivências, o seu cotidiano, o mundo no qual habitam.

Heidegger (2013) revela que o mundo faz parte de cada *Dasein*. Assim, mundo é o olhar lançado pelo próprio *Ser-aí* (que atribui significado muito particular sobre os entes que nele se encontram de forma dinâmica, não se trata apenas do que está posto, mas do olhar lançado, a relação estabelecida entre ente e Ser.

O mundo não é mundo apenas porque está dado, Heidegger (2013) estabelece que o mundo é tudo que está em torno do ser-aí, e há uma tríplice característica de mundo na qual o *Dasein*, enquanto presença está imerso. O mundo público ou o humano, marcado pela relação que a pessoa estabelece com outros sujeitos, considerando que o homem é ser-com-outro e existe em relação a um objeto ou alguém; o mundo circundante caracterizado pela relação que o sujeito estabelece com o ambiente, sua adaptação e ajustamento; e o mundo próprio caracterizado pela relação que a pessoa estabelece consigo mesma, envolve o pensamento e a transcendência da situação imediata.

O Ser-Aí se desvela nessa relação com o mundo. Para Heidegger (2013), *Dasein* e mundo existem num co-pertencimento, não mais a dualidade sujeito/objeto. O ser humano é então um ente que se diferencia dos demais entes por significar o mundo e as relações que estabelece com esse mundo.

O ser-no-mundo, de acordo com Heidegger (2013), é um fenômeno de unidade, fundado na impossibilidade de dissolução, contudo compõe múltiplos elementos estruturais.

Considerando o que os relatos trazem, podemos inferir, a partir daí, que as vivências se tornaram permeadas de afeto. O conceito de afetividade para a teoria fenomenológica parte do próprio modo do *Dasein* existir e ao lançar-se e dispor-se, permitir uma abertura, se deixar afetar e permanecer lançado. Assim, a cada uma das dinâmicas que foram sendo aplicadas, percebemos o quanto cada um dos discentes eram afetados pela propositura da tarefa.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 - 1441 (Versão digital)

O Bullying, conforme a expressividade dos alunos é pleno de angústia. Ora, Heidegger (2013) prenuncia que a angústia é esse elemento que perpassa o ser-no-mundo que, ao ser lançado, ao sentir-se lançado em determinadas situações que vão além do que pudera imaginar, se sente deslocado, se sente sem apoio, se vê apenas como um brinquedo nas mãos do destino. E o que os relatos nos trazem? Trazem a sensação da indiferença do outro; a sensação de escárnio; a sensação de humilhação oriundo daquele com quem compartilha o ambiente escolar e que, por motivos dele, adentra pelo caminho de intolerância, do preconceito, da inautenticidade.

Partindo do ponto de vista da fenomenologia de Heidegger acerca da disposição afetiva como um estado de humor específico do mundo do ser-aí alinhado com o modo particular deste ente, a angústia está presente em cada chacota, em cada brincadeira de mal gosto impetrada, pois a vivência desses alunos – que sofreram e/ou sofrem Bullying - está inexoravelmente afinada com a condição de ser-aluno-em-uma-escola causadora de sofrimento.

Considerando que a pessoa humana é ser-aí, lançado em um mundo que não escolheu, enfrentando as mais variadas situações, o autor traz como postulação a possibilidade do ser-aí transitar entre estados de ânimo e que estes estados o desvelam. (HEIDEGGER, 2013), ou seja, diante de situações que causam sofrimento, dor e angústia, estes alunos demonstraram, em cada tarefa proposta, o quanto o *Dasein* é levado a extremos em momentos como os que vivenciaram.

Não há como o homem se apartar do mundo, pois é dele que o homem extrai todos os sentidos; os quais são construídos a partir da relação estabelecida, do mundo vivido, compartilhado, dado, que se deixa envolver, que se desvela através da linguagem do ser. E foi na expressão a partir de cada dinâmica que os discentes puderam fazer compreender a dimensão do que é viver estas situações constrangedoras. Foram suas falas que permitiram ir além da técnica e encontrásemos a eles – alunos que sofriam Bullying – em toda a sua pluridimensionalidade de existir. Para o autor:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O homem fala. Falamos quando acordados e em sonho. Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar nenhuma palavra. Falamos quando ouvimos e lemos. Falamos igualmente quando não ouvimos e não lemos e, ao invés, realizamos um trabalho ou ficamos à toa. Falamos sempre de um jeito ou de outro (HEIDEGGER, 2003, p.7).

Ao mesmo tempo, o sentido atribuído pelo ser se faz na relação com o outro. O processo correlacional com o outro se estabelece na presença enquanto ser-aí. Dessa forma, o ser-no-mundo se angustia diante das facticidades e como ser intramundano está unido ao mundo, inexoravelmente, ligado ao outro e nessa relação sensível afeta e é afetado de diferentes maneiras.

Os adolescentes têm, pois, em suas vivências cotidianas na escola a dor, o sofrimento, a humilhação, inexoravelmente ligados ao proceder inautêntico de outrem em relação a si mesmos. O mundo próprio, como ressalta o filósofo da Floresta Negra, encontra-se permeado por um olhar que não percebe a si mesmo de forma totalitária, mas apenas como a gorda, o magro, o cabeçudo. Enfim, passam a viver um mundo onde os apelidos são os designa, como se fora sua própria identidade.

Para Heidegger (2013), o *Dasein*, enquanto ser-no-mundo, possui uma compreensão singular do que está a sua volta, pois ao lançar seu olhar ao mundo ele está preenchido de intencionalidades, de sentidos que atribui e das vivências nas quais está imerso, não podendo compreendê-lo dissociado.

O *ser-no-mundo*, enquanto ser de relações ele se angustia, e a compreensão dessa angústia é parte constitutiva do *Dasein*, sendo próprio do Ser o angustiar-se, modo originário do ser-aí. Na concretude de seu papel o ser-no-mundo ao ocupar-se de alguém, enquanto ser-de-presença e ser-de-cuidado se depara com a própria facticidade.

Para Heidegger (2013) o *Dasein*, enquanto ser no mundo possui uma forma única, singular de perceber a concretude da vida, e de se relacionar no



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mundo que o circunda imprimindo-lhe sentidos, bem como o mundo no qual está imerso seja em relação a si, ao outro. Nesse sentido, compreende que o Dasein enquanto ser-no-mundo, ser de relações, se angustia.

Ainda de acordo com este autor, a compreensão da angústia que o ser apresenta, movimenta-se no sentido de não inflamar a situação, pois o indivíduo se encontra num processo angustiante e tal processo é parte constitutiva do *ser-aí*. Para a concepção fenomenológica de Heidegger a angústia é um modo originário de existir. A vivência da presença no mundo é experienciada a partir da própria existência com o outro e a intensidade e o tempo dessa vivência acontecem na temporalidade de cada ser.

O Cuidado é essencial para a existência humana pois somos, como refere Heidegger (2013) um ser de cuidado. No trecho a seguir Heidegger narra que:

Certa vez, atravessando um rio, Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a dar-lhe forma. A cura pediu - lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a Cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: “Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer a Cura enquanto viver. Como, no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve chamar-se Homo, pois foi feito de húmus”. (p.266).

Para Heidegger (2013) ocupar-se de alguém desvela ocupação e preocupação do ser-aí na cotidianidade de sua existência em relação ao outro e essa ocupação finda por imprimir-lhe sinal de ser para morte. E, em sendo a cura uma estrutura ontológica do *Dasein* e inerente à vida humana, o cuidado



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

pode ter sua manifestação a partir de diversos significados com vínculo entre si: sentido de desvelamento, solicitude, zelo, atenção; bem como (pré) ocupação, inquietação responsabilidade.

A cura para Heidegger é ocupar-se dos entes intramundanos. Então, o que define o mundo para o *Dasein* é o modo como ele se relaciona de modo imediato com o mundo, enquanto estrutura ontológica do *Ser-aí* que indica a inseparabilidade do homem e do mundo e igualmente do mundo em relação ao homem. O *Dasein* ek-siste, ou seja, não se constitui de modo isolado, mas com o outro, é ser-com-os-outros, é ser-para-a-morte e se angustia.

Contudo, o Cuidado na vivência do Bullying parece distante. Ledo engano, o Cuidado não diz apenas respeito ao outro, mas a mim também. Assim, os discentes que sofrem situações dessa natureza ressaltam que, mesmo sob a forma inautêntica – como o caso da menina chamada de gorda – ela se cuida praticando Bullying contra outros alunos. Ela precisa ser vista, ela precisa ser respeitada, ela precisa se firmar neste espaço que lhe designa sofrimento e dor. Poderíamos denominar como algo equivocado ou distorcido? Sim, não restam dúvidas. Mas, lembremos que *Dasein* é ser-no-mundo e seus enfrentamentos podem se dar das mais diversas formas e essa, é uma delas. Em busca de fortalecimento para si mesma, passou a agir em conformidade com o que lhe era direcionado. Provocar a dor em alguém pois em mim a provocaram foi a forma que encontrou para seguir em frente.

Colocados para refletir acerca da vivência do Bullying, os alunos perceberam que têm capacidade de ir além do que seria essa vivência, ou seja, da impessoalidade (serem apenas um apelido, os que realizam as tarefas dos outros, subservientes) passaram a compreender que são muito além das limitações oriundas da experiência hostil; compreenderam que podem enfrentar e experienciar segurança, autovalorização, fortalecimento. E o *Dasein* apropria-se de si mesmo, de sua vida, de seu caminhar.

Considerações Finais

É notório perceber que o bullying praticado no ambiente escolar se constitui como problema capaz de fomentar a curto ou longo prazo, uma série



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de efeitos danosos na vida do indivíduo agredido. Logo, a proposta de levar jovens a refletirem sobre essas vivências foi de significativa importância, a fim de colaborar na construção de um pensamento crítico diante dessa realidade.

A angústia é uma existência que não há como negar na vida daqueles que sofrem bullying diariamente. A sensação de ser humilhado, de se sentir errado dentro de um ambiente que deveria lhe proporcionar acolhimento, mas que acaba lhe causando sofrimento.

É perceptível o quanto esses adolescentes anseiam pelo cuidado do outro. Mas quando não o tem, buscam demonstrar este cuidado a si mesmo, ainda que isso aconteça de modo equivocado, e acabe causando sofrimento ao outro, e de certa forma, a si.

Os discentes que convivem com o bullying diariamente precisam ser acolhidos, entendidos, compreendidos, vistos não somente por outros, mas por si mesmo, e entenderem que são seres de possibilidades.

As escolas precisam adquirir mais conhecimento sobre o assunto pois, o modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo. É papel da escola denunciar toda forma de vitimização e agressão, tanto física quanto psicológica, para que ela se constitua num espaço saudável de aprendizado.

Por isso, precisamos urgentemente não só debatermos e compreendermos o bullying como também elaborarmos, em conjunto, ações que possam ser desenvolvidas junto aos alunos, às suas famílias, às escolas e à sociedade de modo mais amplo, a fim de minimizá-lo.

Referências

- AFONSO, Maria Lúcia M. & COUTINHO, Adriane Ramiro Azevedo. Metodologias de trabalho com grupos e sua utilização na área da saúde. In: AFONSO, M. L. M. *et al.* **Oficinas em dinâmica de grupo na área da saúde** - 2ª ed. - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. cap. 2, p. 59-70.
- AHERN, Nancy R.; KEMPPAINEN, Jeanne & TRACKER, Paige. Awareness and Knowledge of Child and Adolescent Risky Behaviors: A Parent's



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Perspective. **Journal of child and adolescent psychiatric Nursing** vol 29, Issue 1, February, 2016 <https://doi.org/10.1111/jcap.12129>

AGUIAR, Luís Gustavo Faria & BARRERA, Sylvia Domingos. Manifestações de Bullying em Diferentes Contextos Escolares: um Estudo Exploratório. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 37, n. 3, p. 669-682, set. 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703002922016>.

CAO, Bolin & WAN-YIN, Lin. *How do victims react to cyberbullying on social networking sites? The influence of previous cyberbullying victimization experiences.* **Computers in Human Behavior** Volume 52, November 2015, Pages 458-465 <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.06.009>

ESTANQUE, Elísio. A práxis do trote: breve etnografia histórica dos rituais estudantis de Coimbra. **Sociol. Antropol.**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 429-458, ago. 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/2238-38752017v725>.

GRILLO, Mariana Aparecida.; SILVA SANTOS Ana. Caroline. Bullying na escola. **Colloquium Humanarum.** v. 12, n. 3, p. 61-74, 27 jan. 2016.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo.** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2013.

JAIN, Sonia; COHEN, Alison K; TAYLOR, Paglisoti *et al.*. School climate and physical adolescent relationship abuse: Differences by sex, socioeconomic status, and bullying **Journal of Adolescence** Volume 66, July 2018, Pages 71-82. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2018.05.001>

LANGFORD, Rebecca; BONELL, Christopher P; JONES, Hayley E. *et al.* The WHO Health Promoting School framework for improving the health and well-being of students and their academic achievement. **Cochrane Database of Systematic Reviews** 2014, Issue 4. Art. No.: CD008958. DOI: 10.1002/14651858.CD008958.pub2.

LEE, Kirsty; DALE, Jeremy; GUY, Alexa & WOLKE, Dieter. Bullying and negative appearance feedback among adolescents: Is it objective or misperceived weight that matters? **Journal of Adolescence** Volume 63, February 2018, Pages 118-128 <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.12.008>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.* – 20º ed. - Petrópolis: Rio de Janeiro, 2014

MIZIARA, Angela Maria Borges; VECTORE, Celia. Excesso de peso em escolares: percepções e intercorrências na escola. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 283-291, ago. 2014. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2014/0182746>.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

MONTEIRO, Renan Pereira *et al.* Valores Humanos e Bullying: Idade e Sexo Moderam essa Relação? **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 25, n. 3, p. 1317-1328, set. 2017. <https://dx.doi.org/10.9788/tp2017.3-18pt>.

PEREIRA, Denis Guimarães & CASTRO, Ewerton Helder Bentes de. Pesquisa fenomenológica: o método de pesquisa In: CASTRO, Ewerton Helder Bentes (Org.) **Práticas de pesquisa em Psicologia Fenomenológica**. Curitiba: Appris, 2019, p. 15-32.

RAO, Jiaming; WANG, H; PANG, M, *et al* Cyberbullying perpetration and victimisation among junior and senior high school students in Guangzhou, China **Injury Prevention** 2019;25:13-19.

SILVA, Elizângela Napoleão da; ROSA, Ester Calland de S. Professores sabem o que é bullying? um tema para a formação docente. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 17, n. 2, p. 329-338, dez. 2013. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572013000200015>.

SILVA, Jorge Luiz da *et al.* Resultados de Intervenções em Habilidades Sociais na Redução de Bullying Escolar: Revisão Sistemática com Metanálise. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 1, p. 509-522, mar. 2018. <https://dx.doi.org/10.9788/tp2018.1-20pt>.

SILVA, Ricardo Azevedo da *et al.* Bullying and associated factors in adolescents aged 11 to 15 years. **Trends Psychiatry Psychother.**, Porto Alegre, v. 34, n. 1, p. 19-24, 2012. <https://dx.doi.org/10.1590/S2237-60892012000100005>.

SOUZA, Jackeline Maria de; SILVA, Joilson Pereira da & FARO, André. Bullying e Homofobia: Aproximações Teóricas e Empíricas. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 289-298, ago. 2015. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192837>.

TREVISOL, Maria Teresa Ceron & CAMPOS, Carlos Alexandre. Bullying: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. **Psicol. Esc. Educ.**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 275-284, ago. 2016. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-353920150202964>

Recebido: 20/4/2020.

Aceito:20/6/2020.

Sobre autores e contato:



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Luana Dias Pena Forte - Psicóloga graduada pela Faculdade de Psicologia da

Universidade Federal do Amazonas. E-mail: ludiapf@gmail.com. Orcid:

<https://orcid.org/0000-0002-1240-6169>

Ewerton Helder Bentes de Castro - Docente do curso de graduação e pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal

do Amazonas. E-mail: ewertonhelder@gmail.com. Orcid:

<https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>